

# APRESENTAÇÃO

Estêvão Fernandes (Universidade Federal de Rondônia)  
Fabiano Gontijo (Universidade Federal do Pará)  
Martinho Tota (Universidade Federal do Ceará)  
Moisés Lopes (Universidade Federal do Mato Grosso)

Em 2016, organizamos, pela *ACENO: Revista de Antropologia do Centro-Oeste* (UFMT), a primeira edição de um dossiê relacionado ao que chamamos de “novos descentramentos em outras axialidades” no tocante às pesquisas sobre a diversidade sexual e de gênero em áreas rurais, contextos interioranos e/ou situações etnicamente diferenciadas (*ACENO*, Vol. 3, n. 5, Jan. a Jul. de 2016). Na Apresentação daquele primeiro dossiê, fruto já de uma interlocução dos organizadores desta edição de *Amazônica: Revista de Antropologia* (UFPA), manifestamos nossa profunda preocupação com os rumos políticos tomados pelo Brasil naquele momento. O país assistira, dividido, ao que era (e é), em nossa concepção, um golpe institucional impositivo de um regime de verdade heteronormativo branco, masculino, metropolitano e de classe média com consequências nefastas para o desenvolvimento das pesquisas sobre a diversidade sexual e de gênero.

Por piores que fossem nossas previsões naquele momento, nada poderia nos aproximar do que viria a se seguir: perseguição e criminalização de movimentos sociais, desmonte de leis trabalhistas e previdenciárias acirramento dos conflitos

no campo e recrudescimento dos abusos e ataques aos direitos culturais e territoriais dos povos indígenas e populações tradicionais. A LGBTfobia tem se tornado algo ainda mais corriqueiro em um país no qual surgem, nas pesquisas eleitorais, candidatos cujas “propostas” apontam para uma posição de apagamento dos direitos humanos, sob a justificativa de se preservarem “os cidadãos de bem” – novamente, entendendo-se aí os setores brancos, heterossexuais, metropolitanos e de classe média, quase sempre consumidores vorazes das narrativas hegemônicas de que “bandido bom é bandido morto”, que estamos caminhando a uma “venezuelização”, que há uma “cubanização” do Brasil (o que quer que isso signifique), ou que haja uma aliança entre islamismo fundamentalista e comunismo radical para tomar o país, pondo em xeque os valores que o sustentam.

Apontamos aqui estas inquietações, mesmo que de forma breve, não apenas para efeitos de um registro histórico, mas por considerarmos que as reflexões deste dossiê podem nos fornecer um pequeno instrumental analítico, teórico e metodológico (e político?) para uma crítica fecunda das estruturas e dos aparatos discursivos que subjazem ao conjunto de transformações em andamento. Se, há um ano, nossa preocupação era a ampliação de um léxico interpretativo que desse conta das diversidades apontadas em pesquisas sobre o universo *queer* fora dos eixos academicamente hegemônicos (a criação de uma episteme própria), neste momento o que propomos é uma ampliação desse arcabouço para questões para as quais, tradicionalmente, os estudos sobre gênero e sexualidade não têm voltado, como regra, seu olhar.

Desta maneira, o que este olhar ampliado (e “radical”, desde uma “epistemopolítica contra-reprodutiva e subversiva”, nos termos do artigo de Estêvão Fernandes e Fabiano Gontijo, publicado neste volume) pode nos informar sobre o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, sobre manifestações contra imigrantes, sobre os ataques aos direitos indígenas e quilombolas, sobre iniciativas como a Escola sem Partido etc.? O que tais estudos nos permitem compreender sobre as estruturas de poder a partir das quais esses fenômenos existem, persistem e se ampliam? Mais além – e neste sentido recuperamos o sentido daquela primeira *Apresentação* –, de que forma os silenciamentos destas questões dentro da academia – e mesmo em determinados movimentos sociais – podem ser enfrentados? É possível, por exemplo, surgirem críticas ao processo colonial de subalternização desses sujeitos invisíveis à academia *mainstream* que permita uma renovação não apenas no âmbito dos discursos, mas sobretudo nas práticas de resistência e enfrentamento ao tsunami conservador que varre o continente enquanto escrevemos este texto? Os textos deste dossiê da *Amazônica* parece indicar que sim.

Textos como os de Moisés Lopes, sobre Jeje de Oyá e de Verônica Guerra, sobre Suy Piovani, nos dão acesso a como, partindo da história de vida de sujeitos de capitais periferizadas ou interioranos (Cuiabá, no Mato Grosso, e Guarabira, na Paraíba, respectivamente), é possível se construir uma reflexão profunda sobre

as experiências de construção do sujeito articulado a experiências de intersecção entre categorias sociais como raça, classe, camada social, sexualidade, gênero, travestilidade e processos migratórios. De se romper com o senso comum trata o texto de Fabiano Gontijo, Bruno Domingues e Igor Erick ao se deixar conduzir por personagens como Pedro, Denis, Bento e Alan, quilombolas que nos ensinam, através dos autores de “As experiências da diversidade sexual e de gênero em quilombos do Nordeste e do Norte do Brasil...” como algumas categorias identitárias – negro, quilombola, nordestino, homossexual etc – se entrecortam e se complexificam, desafiando e complicando padrões e lógicas sociais estanques. Caminho parecido segue o artigo de Elizabeth Del Socorro Ruano Ibarra e Liliana Vignoli de Salvo Souza sobre mulheres *Tikuna* na fronteira entre Brasil e Colômbia, a fim de compreender o fortalecimento feminino frente ao patriarcado vigente nas estruturas dos estados nacionais, na sociedade englobante e nos povos indígenas: quais as implicações em se trabalhar questões como um feminismo indígena em área de fronteiras e onde isso nos leva a refletir sobre movimentos sociais, relações interétnicas, colonialismo e subalternização? Sobre a mesma região, temos o artigo “O (outro) lugar do desejo”, de Thiago Oliveira e Silvana Nascimento, sobre como se relacionam homossexuais em cidades pequenas e médias na Amazônia tri-fronteiriça (Peru-Brasil-Colômbia), para quem a fronteira e a cidade são mais que meros limites administrativos, mas uma arena de interlocução, uma máquina de fazimentos e refazimentos – e desfazimentos.

Marcos Aurélio da Silva, em seu “O corpo na cidade...”, indica como o ato de se colocar o corpo na rua é um desafio à heteronormatividade: a apropriação do espaço público é um ato de resistência à imposição da lógica do armário e do apagamento de si. Ainda sobre a cidade, mas desde uma perspectiva de rituais, são os dois outros textos trazidos nesta primeira parte de nosso dossiê: Fabrício Sousa Sampaio virá a demonstrar, em seu “Entre paqueras e ‘catações”, rituais de paquera em Sobral (CE) enquanto performance”, de que formas a reprodução da heteronormatividade ocorre nas sociabilidades homossexuais. Se Sampaio utiliza Goffman em sua análise sobralense, Rafael da Silva Noletto virá a utilizar autoras como Léa Perez e Mariza Peirano (dentre outrxs) para trabalhar, desde a antropologia dos rituais o protagonismo LGBT nas festas de São João de Belém, em seu artigo “Babados, xotes e xaxados...”, mostrando como a estrutura ritual está a serviço da produção de convenções de gênero e sexualidade nessas festas características “rurais”, “interioranas” e “periféricas” na capital paraense.

Desta forma, se é possível organizar os diversos textos aqui reunidos por área geográfica, abordagem, perspectiva teórico-metodológica etc., por outro, resta claro um ponto em comum a todos estes artigos: uma preocupação em ultrapassar limites claros e questionar perspectivas centradas e confortavelmente reproduzidas. Mais do que novos temas em velhas roupagens (ou vice-versa), o esforço desses autorxs se dá no sentido de apresentar um conjunto de provocações ao aparato de poder/saber/ser que serve de sustentáculo à nuvem discursiva que

invisibiliza e subalterniza sujeitos cujas formas de viver/existir/experimentar não se enquadram ao olhar domesticado por práxis epistêmicas e políticas bem comportadas, ensimesmadas e colonizadas – ponto este abordado diretamente por Estêvão Fernandes e Fabiano Gontijo, em seu “Manifesto *queer* caboclo”.

Não se trata, ao se perceber estes textos em seu conjunto (incluindo aqui os artigos da coletânea publicada na *ACENO*, bem como aqueles a serem publicados em nosso próximo volume aqui mesmo, na *Amazônica*) de se afirmar, de forma niilista e simplista que os estudos de gênero e sexualidade hegemônicos sofram de um mal de origem, ao colocarem para baixo do tapete uma diversidade de res/ex-istências por não se adequarem a um modelo de análise liberal, euronorcentrado, branco, urbano, de classe média. Jamais faríamos isso! O que propomos, e o fazemos à luz de um conjunto de reflexões acumulado ao longo dessa interlocução com pesquisadorxs, ativistas e sujeitos com os quais convivemos, trabalhamos e coexistimos é que uma abordagem menos conformada – e comportada – oferece potencial crítico e criativo para um contraponto original desde e para essas realidades. O que nos permite trabalhar em um mesmo horizonte epistemológico temas como raça, gênero, sexualidade, interioridade, etnicidade etc., é, justamente, o fato de que a estrutura narrativa hegemônica apagou os lugares de enunciação desses sujeitos, ao suprimirem suas vozes, substituindo suas experiências por uma outra narrativa, genérica, desde a qual tornar-se-iam nota de rodapé para teorias pensadas em contextos sociais, políticos, históricos e culturais diferentes.

E é justamente aí que reside a importância de Jeje de Oyá, de Suy Piovani, de Pedro, Denis, Bento e Alan, Ruth Lorenzo, Alis Puricha Peña, Mislene Mendes, dentre tantas outras pessoas trazidas nas páginas que se seguem: desde a perspectiva descentrada dos textos aqui apresentados, deixam de se ser apenas gays, trans, quilombolas ou tikuna, para serem os sujeitos desde os quais a crítica e a reflexão sobre regimes de subalternidade, visibilidade, racialização, estética... tornam-se viáveis. Não se fala deles, eles nos falam de nós, de outros, de todos e (nos) desafiam a abandonar a fixidez de rótulos tão bem consolidados nos corredores das universidades e em reuniões dos movimentos sociais. Seu lugar de enunciação torna-se assim, merecidamente, um lócus de res/ex-istência epistemopolítica.

